

RAZÃO E CIVILIZAÇÃO

A propósito da relação entre a *Fenomenologia do Espírito* e a
Ciência da Lógica

Leonardo A. Vieira

I. Introdução

A nossa finalidade é investigar a relação entre "Fenomenologia do Espírito" e "Ciência da Lógica". Esta é uma relação bastante sui-generis e mesmo paradoxal. Por um lado, a "Fenomenologia" é uma pressuposição (*Voraussetzung*) da "Lógica". Ela torna possível a liberação da consciência e com isto a emergência da forma infinita ou do Conceito. Neste sentido, ela é uma introdução à "Lógica". Por outro lado, a "Fenomenologia" é um exemplo (*Beispiel*) da "Lógica". Neste sentido, a relação entre ambas já prefigura a relação da "Lógica" com as partes do sistema. Ela é a "Teoria de base do sistema". Portanto, apesar de ser introduzida pela "Fenomenologia", a "Lógica" torna possível o discurso fenomenológico. Por fim, pretender-se-á mostrar que o estudo desta relação diz respeito a um dos problemas mais fundamentais da nossa civilização: a viabilidade de uma civilização do Lógos.

II. A "Fenomenologia do Espírito" como pressuposição

A relação entre a "Fenomenologia do Espírito" e a "Ciência da Lógica" deixa-se esclarecer através da seguinte sentença: "Die reine Wissenschaft setzt somit die Befreiung von dem Gegensatz des Bewusstseins voraus"(1).

Tal liberação torna-se mais significativa se nos lembrarmos daquilo que caracteriza a consciência. Segundo Hegel, "Bewusstsein schliesst den Gegensatz des Ich und seines Gegenstandes in sich..."(2). Esta oposição constitui "... die Natur unseres gewöhnlichen, des erscheinenden Bewusstseins"(3). Assim sendo, a liberação desta oposição

não pode ser fruto de um ato *imediato* ou de um simples desejo, posto que a oposição sujeito-objeto é a condição habitual da consciência natural (das natürlichen Bewusstsein)(4). Ora, a "Fenomenologia do Espírito" é a exposição da consciência em seu movimento progressivo desde a primeira oposição imediata entre ela e o seu objeto até o saber absoluto(5). "Dieser Weg geht durch alle Formen des *Verhältnisses des Bewusstseins zum Objekte* durch und hat den *Begriff der Wissenschaft zu seinem Resultate*"(6). Portanto, a consciência percorre uma série de oposições ou uma série de figuras ao longo de sua trajetória fenomenológica. Na medida em que a série das figuras que a consciência percorre constitui "die ausführliche Geschichte der *Bildung des Bewusstseins selbst zur Wissenschaft*", a formação da consciência se identifica com os vários "modos da consciência"(8), isto é, os vários modos da relação da consciência com o objeto.

Contudo, a série de oposições não tem como *resultado* a reiteração da oposição entre o Eu e o objeto. O resultado destas oposições é o Conceito de Ciência (ou Conceito de Ciência pura ou Conceito da Lógica)(9). Hegel defende a mesma tese ao afirmar que a "Fenomenologia do Espírito" é a dedução (Deduktion) do Conceito de Ciência pura(10). Se portanto a "Fenomenologia do Espírito" é a dedução daquele Conceito e o caminho da consciência termina no saber absoluto, então é de se supor que o próprio saber absoluto evidencie o significado do Conceito de Ciência. O saber absoluto tem que nos possibilitar entender o Conceito de Ciência, isto é, a liberação da oposição da consciência. Apesar de longa vale a pena citar esta passagem em que Hegel define o saber absoluto: "Das absolute Wissen ist die *Wahrheit* aller Weisen des Bewusstseins, weil, wie Jener Gang desselben es hervorbrachte, nur in dem absoluten Wissen die Trennung des *Gegenstandes* von der *Gewissheit seiner selbst* vollkommen sich aufgelöst hat und die *wahrheit dieser Gewissheit* sowie diese *Gewissheit der Wahrheit* gleich geworden ist"(11).

Desta forma, *apenas* no saber absoluto a oposição constitutiva do modo de ser da consciência é dissolvida. Mas, o que significa dizer que esta oposição foi dissolvida e a certeza se iguala à verdade e a verdade se iguala à certeza? A resposta a esta pergunta pode ser encontrada naquelas determinações abstratas que ocorrem na consciência, descritas por Hegel na *Introdução* à "Fenomenologia"(12). A consciência *distingue algo de si mesma* com o qual ela se relaciona. E o lado determinado desta relação ou *o lado determinado do ser de algo para uma consciência* é aquilo que se chama "*Wissen*" (saber). Portanto, como a oposição da consciência caracteriza a nossa consciência ordinária e a consciência fenomenal, ela está sempre em uma rela-

ção determinada com algo que lhe é distinto, isto é, ela é saber de alguma coisa ou ela tem certeza (Gewissheit) de algo distinto dela. Contudo, "o que está relacionado com o saber é distinto dele e posto também como *existente* fora desta relação; o lado deste em-si (Ansich) chama-se *Verdade*"(13). Na medida em que a separação é dissolvida e a verdade se iguala à certeza e vice-versa, então a consciência já não mais distingue um existente fora do seu saber. Ela deixa de ser um saber determinado e, portanto, relativo a algo distinto dela quando "... ela deixa sua aparência de estar presa a algo estranho (Fremdartigem) que é apenas para ela e é como um outro (ein Anderes)..."(14). Este ponto alcançado pela consciência no seu movimento progressivo para a sua verdadeira existência em que a exterioridade é negada dialeticamente é o Conceito de Ciência; Portanto, o momento em que a consciência se libera de toda imediateidade e concreção externa e torna-se saber puro(15).

Deste modo, torna-se possível explicar o termo saber absoluto. Ao longo das suas experiências fenomenológicas a consciência foi sempre saber de algo distinto dela. Portanto, um *saber relativo* a uma exterioridade. Contudo, a negação dialética desta exterioridade significa a existência de um saber que não mais está preso à distinção entre certeza e verdade. Neste sentido, trata-se de um *saber absoluto* pois o pensamento não se dirige mais a um objeto exterior, mas o pensamento tem a si mesmo como objeto (igualdade da certeza com a verdade).

A importância deste movimento de liberação da oposição da consciência torna-se mais evidente ao analisarmos o que vem a ser Ciência pura ou "Ciência da Lógica". A Lógica tem como conteúdo as essencialidades puras, conforme o Prefácio à primeira edição(16), ou ainda o Lógico ou as determinações do pensamento, conforme o Prefácio à segunda edição(17). Assim sendo, a "Ciência da Lógica é a "Wissenschaft des reinen Denkens" ou do Espírito pensando sua essência(18). E para compreender esta Ciência é importante estar atento à distinção estabelecida por Hegel entre consciência (ou pensamento finito) e pensamento como tal (ou pensamento infinito)(19). Como já dissemos antes, o termo consciência designa a oposição entre o Eu e o objeto. Portanto, a finitização do pensamento na medida em que ele é pensamento de um *determinado objeto*. Todavia, o conteúdo da Lógica é o pensamento infinito que já se liberou da oposição da consciência. Portanto, não mais um pensamento que busca um conteúdo que lhe é exterior, mas um pensamento que se dá a si mesmo um conteúdo, isto é, um pensamento que se autodetermina. É por isso que Hegel simultaneamente louva e critica Kant(20). Hegel louva Kant

por ter exposto o proceder dialético da Razão como “um operar necessário”. Kant, porém, ficou preso, por um lado, ao aspecto transcendental das determinações do pensamento e, por outro lado, não investigou-as em si mesmas, não expôs a relação recíproca entre elas. Por isso, então, faltou a Kant “die Erkenntnis der *unendlichen Form*, d.i. des Begriffs”(21). Ora, esta forma é infinita pois, apresentada na sua pureza, pode se determinar (*sich bestimmen*), isto é, pode se dar um conteúdo e conteúdo em sua necessidade enquanto sistema das determinações do pensamento. Neste sentido, a “Ciência da Lógica” é a exposição do pensamento autodeterminando-se absolutamente e constituindo deste modo aquele sistema de conteúdos que ele mesmo se deu ao longo do seu caminho de autorealização. Desta forma, pode-se perceber que na “Ciência da Lógica” forma e conteúdo não estão separados. O conteúdo é apenas a determinação que a própria forma se dá a si mesma. E, por isso, o método é apenas “... a consciência do movimento imanente do Conceito”(23). Isto é, o método é o próprio *caminho* percorrido pelo Conceito no seu processo de autodeterminação.

Uma Ciência do Conceito parece justificada aos olhos de Hegel uma vez que somente no Conceito o objeto tem efetividade (*Wirklichkeit*). Isto significa que se algo é distinto do Conceito, então ele deixa de ser algo efetivo e se torna um nada(24). O Conceito não deve ficar restrito a um objeto de uma investigação transcendental, isto é, que o considere como condição de possibilidade de conhecimento de objetos que lhe são exteriores. Ele mesmo enquanto se autodetermina é objeto de uma Ciência, a Ciência da Lógica.

A caracterização da Ciência pura nos possibilita contrapô-la à “Fenomenologia do Espírito”. Esta se caracteriza como separando o conteúdo e a forma do conhecimento. Em outras palavras, separando a verdade e a certeza(25). A “Ciência da Lógica”, por sua vez, se caracteriza como uma Ciência na qual a forma se dá um conteúdo. Portanto, uma identidade entre certeza e verdade. Por conseguinte, temos, de um lado, a separação entre certeza e verdade e, de outro, a unidade entre ambas. De um lado, a oposição da consciência e, de outro, o movimento interno do Conceito. “Cabe à ‘Fenomenologia’ a tarefa de realizar a liberação da oposição da consciência e deduzir o Conceito de Ciência pura. A ‘Fenomenologia’ culmina no conceito de saber absoluto enquanto saber no qual sujeito e objeto, certeza e verdade não se encontram mais separados. No saber absoluto toda diferença é supressumida (*aufgehoben*)”(26). Em virtude disto, pode-se entender a razão pela qual a “Fenomenologia” é uma pressuposição da “Ciên-

III. A "Fenomenologia do Espírito" Enquanto Exemplo

A relação entre "Fenomenologia" e "Lógica" não se esgota naquela que foi explicada acima. Há um outro momento que caracteriza esta relação. Através dele pode-se perceber tanto a complexidade da "Fenomenologia" bem como o papel desempenhado pela "Lógica" como "Basisstheorie des Systems"(27).

Hegel indica explicitamente este outro momento:

"Ich habe in der *Phänomenologie des Geistes* ein Beispiel von dieser Methode an einem konkreteren Gegenstande, an dem *Bewusstsein*, aufgestellt"(28).

Como fica patente nesta passagem a Fenomenologia é um *Beispiel* do verdadeiro método da Ciência filosófica. Método exemplificado em um objeto muito especial: a consciência. Contudo, imediatamente levanta-se a pergunta: como a consciência ao longo de seu caminho para a Ciência exemplifica o método desta própria Ciência?

O que caracteriza o movimento da consciência e o movimento do Conceito é a "*bestimmte Negation*" (*negação determinada*). E não é por mera coincidência que ele chama a atenção para isto tanto na *Introdução à "Fenomenologia"* quanto também na *Introdução à "Lógica"*(29). É esta negação determinada que devemos agora analisar.

A exposição da consciência em suas experiências não é um movimento meramente *negativo*(30). O resultado de uma experiência da consciência não é o puro nada (das reine Nichts). É justamente uma das figuras desta consciência, o Ceticismo, que vê no Resultado a pura vacuidade. "O nada, no entanto, é tomado como o nada de onde ele procede e é, de fato, o resultado verdadeiro; ele mesmo é um nada *determinado* e tem um *conteúdo*"(31). Ao passar de uma experiência para outra a consciência não cai no puro nada e nem a experiência passada é descartada. Ao contrário, a nova experiência é o resultado de uma *experiência determinada*. Esta experiência surge como o resultado necessário da experiência anterior e contém aquilo que a experiência precedente tem de verdadeiro(32). Neste sentido, a experiência apresenta o movimento típico da supressão: "Es (das

Aufheben) ist ein *Negieren* und ein *Aufbewahren* zugleich"(33). Ora, se ela fosse um simples negar, então não haveria diferença para com a atitude do Ceticismo. Mas, ela nega e conserva. Assim, por exemplo, na passagem da certeza sensível para a percepção o sensível enquanto singular é *negado*, mas o sensível enquanto universal é *conservado*. E em virtude desta suprassunção que se pode falar em *Bildung* da consciência. Se a sua negação fosse indeterminada como é próprio do Ceticismo, como, então, seria possível à consciência formar-se para a Ciência? "Pelo contrário, quando o resultado é aprendido como negação *determinada*, como na verdade é, surgiu então imediatamente uma nova forma e a passagem se deu na negação. Nessa passagem, o processo se realiza por si mesmo através da série completa das figuras"(34). Portanto, "das Bewusstsein aber ist für sich selbst sein *Begriff*"(35), isto é, o ato de ultrapassar uma relação determinada ou limitada com um objeto até que este processo culmine no saber absoluto.

O movimento do Conceito segue também esta proposição lógica de simples intuição (einfache Einsicht). "O negativo é também positivo ou aquilo que se contradiz não se dissolve no zero, no nada abstrato, mas essencialmente na negação de um conteúdo *particular*, ou uma tal negação não é toda negação, mas a *negação da coisa determinada* que se dissolve; é uma negação determinada"(36). Este é o movimento do Conceito na "Ciência da Lógica". Ela é pois o movimento do Conceito se negando a si mesmo e se tornando um Conceito mais rico e pleno de determinações até o momento da sua realização completa na Idéia absoluta. A Idéia absoluta é o resultado do processo de autodeterminação do Conceito desde a sua primeira oposição imediata: ser e nada. O movimento do Conceito de negar-se dialeticamente constrói o sistema das determinações do pensamento, isto é, o sistema das determinações que o próprio Conceito se deu.

Em vista disto, pode-se perceber como a "Fenomenologia" é exemplo da "Lógica". A "Fenomenologia" é a *autodeterminação da consciência* assim como a "Lógica" é a *autodeterminação do Conceito*. Neste sentido, a "Fenomenologia" é um exemplo da "Lógica". Elas constituem exposições de objetos que continuamente suprassumem momentos determinados. Portanto, são exposições de objetos autodeterminantes. Todavia, a *autodeterminação da consciência é relativa*, visto que ela é relação a um objeto exterior. A *autodeterminação do Conceito é absoluta*, visto que ele está livre de toda exterioridade e é, como já dissemos, a forma que se dá a si mesma um conteúdo. Portanto, através da negação determinada própria ao movimento da

consciência e do Conceito, aquela suprasse constantemente sua relação determinada com os objetos e tem como resultado o saber absoluto e este suprasse constantemente as determinações que ele se dá e tem como resultado a Idéia absoluta. Ambos são, portanto, movimentos autodeterminantes que se realizam através da negação determinada.

O fato de a "Fenomenologia" ser um exemplo da "Lógica" nos ajuda a entender as experiências da consciência. Na Introdução à "Fenomenologia" Hegel distingue o movimento próprio daquela consciência que faz a experiência (*für es*) e a interpretação destas experiências feita pelo leitor que acompanha este movimento da consciência (*für uns*). "Aquilo que surge é *para ela* apenas enquanto objeto, *para nós* é simultaneamente enquanto movimento e devir" (37). A consciência que faz a experiência não percebe que aquilo que surge é o resultado ou a verdade do saber anterior. O que surge é o movimento e o devir da experiência precedente. *Para ela*, no entanto, o que surge é o objeto, isto é, algo que ela encontra à sua frente sem nenhuma relação com os momentos anteriores. *Nós* percebemos, no entanto, o movimento e o devir daquilo que surge e, por isso, podemos dar uma ordenação científica (necessária) às experiências da consciências. Todavia, na medida em que a "Fenomenologia" é exemplo da "Lógica", o movimento da consciência apresenta uma nova lógica além das duas já citadas. Esta nova lógica é a lógica do em-si (*Ansich*). Sendo um exemplo do método filosófico verdadeiro, o movimento da consciência deve poder expressar as categorias lógicas, isto é, as determinações do pensamento. Assim, por exemplo, a seção "Consciência" na subseção "Força e Entendimento, Fenômeno e Mundo Supra-Sensível" apresenta categorias lógicas tais como, infinitude (*Unendlichkeit*), Aparência (*Schein*), Fenômeno (*Erscheinung*) e Ação Recíproca (*Wechselwirkung*). Na "Fenomenologia" estas categorias se relacionam com um objeto exterior. Na Lógica não há esta exterioridade e elas estão em um movimento imanente a elas mesmas. Ora, isto significa que "a 'Fenomenologia' exercita o uso das determinações da Lógica no sentido de uma aprendizagem introdutória para uma consciência natural e limitada" (38). Portanto, a liberação da oposição da consciência já é um exercício preparatório daquilo que ela vai introduzir: o pensamento dialético. Ou ainda: a *Bildung* para a Ciência já exemplifica esta própria Ciência.

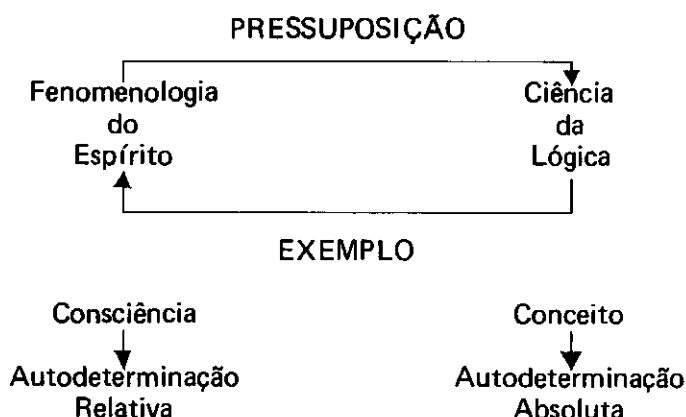
Neste sentido, a relação entre "Fenomenologia" e "Lógica" já evidencia o papel que a "Ciência da Lógica" ocupa no sistema hegeliano. Por um lado, a "Fenomenologia" é uma pressuposição da "Lógi-

ca" na medida em que ela tem por tarefa liberar a oposição da consciência e deduzir o Conceito de Ciência. Por outro lado, esta liberação e esta dedução só são possíveis graças à "Ciência da Lógica" na medida em que o método da Lógica é exemplificado no movimento da consciência. Dessa forma, a "Fenomenologia" é uma introdução que já se move dentro daquilo que ela vai introduzir. Isto significa que a "Fenomenologia" tem como suporte do seu discurso a própria "Ciência da Lógica" (lógica do em-si). Mesmo quando a "Fenomenologia" deixa de ser aos olhos de Hegel "erster Teil des Systems der Wissenschaft" (Primeira Parte do Sistema da Ciência) e torna-se "Voraus der Wissenschaft" (Antecipação da Ciência) a relação pressuposição/exemplo entre ambas não se altera(39). A "Lógica" não deixa de ser o elemento que fundamenta (begründen) a própria "Fenomenologia".

Se este papel da "Lógica" já se torna evidente com relação à "Fenomenologia", ele o é mais ainda na sua relação com as outras partes do sistema. Como se sabe a Idéia absoluta é o resultado do movimento imanente do Conceito. Ora, a essência (Wesen) desta idéia é retornar a si mesma. Este retorno ocorre de duas maneiras: 1) através da sua autodeterminação (Selbstbestimmung) 2) através de sua particularização (Besonderung)(40). A autodeterminação caracteriza o retorno do discurso sobre si mesmo, o começo (Anfang) tomado como fundamento (Grund), isto é, a Idéia absoluta (fundamento ou o último — das Letzte) que retorna ao começo (ou o primeiro — das Erste) de tal forma que o discurso da "Lógica" seja autofundante, a saber, tenha uma reflexividade absoluta. Isto significa que "o essencial para a Ciência não é tanto que o começo seja um puro imediato, mas que o todo da Ciência é em si mesmo um curso circular (Kreislauf) onde o primeiro torna-se também o último e o último torna-se também o primeiro"(41). Um outro movimento circular pode também ser constatado no outro tipo de retorno a si da Idéia absoluta: a particularização. "Natur und Geist sind überhaupt unterschiedene Weisen, *ihr (absolute Idee) Dasein, darzustellen...*"(42). Desse modo, a Filosofia da Natureza (a Idéia absoluta se exteriorizando) e a Filosofia do Espírito (a Idéia absoluta se interiorizando) são exposições através das quais pode-se acompanhar o processo de retorno a si da Idéia absoluta. Por isso, a imagem caracterizadora da relação entre as partes do sistema é "um movimento circular girando em si"(43). Pois a Idéia absoluta retornando a si seja na sua autodeterminação seja na sua particularização se autofundamenta, como no caso da "Ciência da Lógica", e também fundamenta (begründen) a inteligibilidade da Natureza e do Espírito, como no caso da Filosofia da Natureza e Filosofia

do Espírito. Assim sendo, a "Lógica" constitui verdadeiramente a "teoria de base do sistema".

Sendo o movimento circular aquela imagem caracterizadora do Lógico em sua autodeterminação ou em sua particularização, a sua relação com o que lhe é pressuposto pode ser também descrita através daquela mesma imagem:



IV. A Viabilidade da Civilização do Lógos

Uma investigação acerca da relação entre "Fenomenologia" e "Lógica" poderia ser rotulada como um daqueles intrincados problemas metafísicos e, portanto, ser julgada como uma investigação abstrata e sem sentido. Todavia, uma análise mais cuidadosa pode nos mostrar que estamos diante de um dos problemas mais sérios da nossa civilização.

A civilização ocidental, desde o nascimento do pensamento científico na Grécia tem como matriz cultural fundamental a matriz logocêntrica(44). Numa civilização assim constituída Pólis e Phýsis tornam-se objetos deste Lógos e encontram nele o seu princípio de explicação. Através da Téchne (a ação do Lógos na Phýsis) o homem assegura aquelas condições necessárias para a sua sobrevivência. Através da Práxis (a ação do Lógos na Pólis) o homem procura estabelecer formas racionais de convivência. Portanto, o Lógos emerge na Grécia manifestamente como elemento emancipador. Emancipador com relação à natureza na medida em que o seu conhecimento torna possível ao homem agir sobre ela de forma cada vez mais eficiente possibi-

litando a sua sobrevivência e, em última instância, se livrando da penosa carga do trabalho árduo. Emancipador com relação à cidade na medida em que, mostrando o modo de agir racional, possibilite a emergência de formas justas e igualitárias nas associações humanas.

A "Fenomenologia", por sua vez, não é apenas uma história ideal da formação da consciência, isto é, a exposição das seqüências lógico-dialéticas das experiências da consciência. Ela também resgata a história da formação do mundo (ocidental). Neste sentido, ela é a reconstrução da formação desta civilização nas suas figuras (segundo Hegel) paradigmáticas. A fundamentação desta tese encontra-se no Prefácio à "Fenomenologia"(45).

A consciência de estar vivendo um momento importante da trajetória do Espírito é bastante evidente em Hegel. Ele designa o seu tempo como um tempo de nascimento (Geburt) e de passagem (Übergang) para um novo período(46). Além disto, é também evidente a Hegel que o "o começo do novo Espírito é o produto de uma vasta revolução das múltiplas formas de cultura, o preço de um caminho muitas vezes sinuoso e do mesmo modo de um esforço e cansaço constantes"(47). Hegel, portanto, concebe os novos tempos como o produto, o resultado de uma grande marcha do Espírito. A marcha da história da formação do mundo ocidental é tão longa e árdua quanto a marcha da história da formação da consciência. O importante a ressaltar é que uma não exclui a outra. As figuras da consciência exemplificam tanto momentos da formação da consciência quanto momentos da história da civilização ocidental.

Neste sentido, a relação da "Fenomenologia" com este momento de transição na história do Espírito é bastante significativa. Principalmente se concentrarmos nossa atenção no momento final das experiências da consciência: o saber absoluto. Além de ser um desfecho das seqüências lógico-dialéticas destas experiências, o saber absoluto também representa um momento da história desta civilização. Um momento que poderíamos adjetivar de radical. Descrevendo um arco que tem um dos extremos na Grécia e um outro neste momento histórico hegeliano, esta civilização radicaliza o seu projeto de uma civilização do Lógos. Se apenas no seu Begriff o objeto tem efetividade (Wirklichkeit)(48), isto é, se apenas diante da instância interpretadora e legitimadora mais fundamental (Lógos) o objeto tem a sua do aquele momento (na história da formação da consciência-saber absoluto — e na história da formação do mundo — momento históri-

co hegeliano) em que o próprio Lógos, enquanto se autodetermina, torna-se objeto de discurso científico. Neste sentido, se me fosse permitido dar um outro nome à "Ciência da Lógica, este seria: Wissenschaft des Begriffes (Ciência do Conceito) ou Wissenschaft des Logischen (Ciência do Lógico).

A tradução deste momento lógico-dialético em sua significação histórico-cultural poderia ser expressa da seguinte maneira: a civilização ocidental, enquanto uma civilização iluminada pelo Lógos (me valendo de uma imagem platônica), é uma civilização viável?

Naturalmente, não nos compete dar uma resposta *a priori* à esta pergunta. A viabilidade desta civilização só se prova na própria via, isto é, somente a sua história pode nos mostrar se o homem alcançará condições de vida razoáveis nela. O que podemos afirmar é o fato desta civilização não ter renunciado a este projeto. Pelo contrário! O que assistimos atualmente, e às vezes com verdadeiro assombro, é a intensificação deste projeto. Se, por um lado, ele propicia ao homem a satisfação de suas necessidades de um modo mais eficiente e menos desgastante, por outro lado, a produção de artefatos bélicos de alto poder destrutivo colocam em perigo a própria sobrevivência da espécie humana.

Este problema já tão agudamente apontado por Hegel, problema que tem suas raízes mais longínquas na Grécia e suas raízes mais imediatas no Iluminismo, adquire aos olhos do homem do século xx um contorno bastante dramático. Como uma civilização que chega a esta radicalidade e que na Aufklärung propõe a "liberté, égalité et fraternité" como fundamento para uma civilização iluminada pela luz da Razão, pode assistir a um Auschwitz, duas Guerras Mundiais e os bolsões de miséria atuais?(49). A questão da civilização ocidental enquanto uma civilização do Lógos é mais aguda para nós, cidadãos do século xx, do que o foi para Hegel e seus contemporâneos. Afinal de contas, eles não viveram a ameaça de uma guerra nuclear. A guerra nuclear poderia ser entendida como uma *universalidade às avessas* do Lógos. Ao invés de uma emancipação do homem, teríamos a sua aniquilação.

Ora, por um lado, temos uma civilização que se vê impelida a legitimar a sua relação com a Natureza e a relação entre os homens nela em termos de Razão. Ou seja, procura buscar nesta instância legitimadora mais fundamental que ela possui o sentido daquelas relações. Por outro lado, o avanço tecnológico desta civilização coloca em risco toda espécie de vida neste planeta. Uma situação tão angustiante

quanto esta nos coloca diante de um problema grave: ou chegamos a "ein vernünftiger Konsensus"(50) acerca daqueles critérios que devem presidir a relação dos homens com a Natureza e entre si, isto é, chegamos ao que se chama hoje a sociedade consensual, ou então o imenso potencial destrutivo acumulado nos mísseis atômicos poderá destruir irremediavelmente a efetivação de uma civilização do Lógos.

NOTAS

- (1) "A Ciência pura pressupõe a liberação da oposição da consciência". G.V.F. Hegel. *Wissenschaft der Logik I*, apud Werke (Ed. Moldenhauer — Michel) 5, p. 43. A insistência de Hegel com relação a esta pressuposição é bem evidente. Cf. Hegel. *Wissenschaft der Logik I* (WL). Op. cit., p. 17, p. 45, p. 57 e p. 67.
- (2) "Consciência inclui em si a oposição entre o Eu e o seu objeto...". Hegel. WL, op. cit., p. 60.
- (3) "... a natureza da nossa consciência ordinária, da consciência fenomenal". Hegel WL, op. cit., p. 37.
- (4) Consciência natural é a expressão usada por Hegel na *Introdução* à "Fenomenologia do Espírito" para caracterizar aquela consciência que percorrendo a série de suas figuras (Gestaltungen) se impele (dringt) para o saber verdadeiro (das wahre Wissen). G.V.F. Hegel. *Phänomenologie des Geistes*, apud Werke (Ed. Moldenhauer — Michel) 3, p. 72.
- (5) Hegel. WL, op. cit., p. 42.
- (6) "Este caminho atravessa todas as formas de relação da consciência com o objeto e tem como resultado o *Conceito de Ciência*". Hegel. WL, op. cit., p. 42. Grifado no texto.
- (7) "A história pormenorizada da formação da consciência mesma para a Ciência". Hegel *Phänomenologie des Geistes*. (PhG), op. cit., p. 73. Grifado no texto.
- (8) "Weisen des Bewusstseins". Hegel. WL, op. cit., p. 43.
- (9) "Der Begriff der reinen Wissenschaft". Hegel. WL, op. cit., p. 42; "Der Begriff der Logik". Hegel. WL, op. cit., p. 57.
- (10) Hegel. WL, op. cit., p. 43.
- (11) "O saber absoluto é a verdade de todos os modos da consciência, porque, como aquele caminho da consciência fez surgir este saber, apenas no saber absoluto dissolveu-se completamente a separação que havia entre o objeto e a certeza que se tinha dele mesmo e a verdade tornou-se igual a esta certeza bem como esta certeza tornou-se igual à verdade". Hegel. WL, op. cit., p. 43. Grifado no Texto.
- (12) Hegel. PhG, op. cit., p. 76.
- (13) Idem. Grifado no texto.

- (14) Hegel. PhG, op. cit., p. 81.
- (15) Hegel. WL, op. cit., p. 17.
- (16) "Reine Wesenheiten".
- (17) "Das Logische", "Denkbestimmungen".
- (18) "Ciência do pensamento puro". Hegel. WL, op. cit., p. 17 e 57; Pöggeler, Otto (Editor). *Hegel. Einführung in seine Philosophie*. Freiburg/München, Alber, 1977, p. 80.
- (19) Hegel. WL, op. cit., p. 60.
- (20) Hegel. WL, op. cit., p. 52, p. 59 e 60.
- (21) "O conhecimento da *forma infinita*, isto é, do Conceito". Hegel. WL, op. cit., p. 61.
- (22) Idem.
- (23) Pöggeler, Otto (Editor). *Hegel. Einführung in seine Philosophie*, op. cit., p. 83; Hegel. WL, op. cit., p. 49.
- (24) Hegel. WL, op. cit., p. 44.
- (25) Hegel. WL, op. cit., p. 36.
- (26) Pöggeler, Otto (Editor). *Hegel. Einführung in seine Philosophie*, op. cit., p. 80.
- (27) "Teoria de base do sistema". Pöggeler, Otto. *Hegel. Einführung in seine Philosophie*, op. cit., p. 83.
- (28) "Eu dei na *Fenomenologia do Espírito* um exemplo deste método em um objeto mais concreto, na *consciência*". Hegel. WL, op. cit., p. 49. Grifado no texto.
- (29) Hegel. PhG, op. cit., p. 73-74; Hegel. WL, op. cit., p. 49.
- (30) Hegel. PhG, op. cit., p. 73.
- (31) Hegel. PhG, op. cit., p. 74. Grifado no texto.
- (32) Hegel. PhG, op. cit., p. 80.
- (33) "A supressão é simultaneamente um *negar* e um *conservar*". Hegel. PhG, op. cit., p. 94. Grifado no texto.
- (34) Hegel. PhG, op. cit., p. 74. Grifado no texto.
- (35) "A consciência é, no entanto, para si mesma seu *Conceito*". Idem. Grifado no texto.
- (36) Hegel. WL, op. cit., p. 49. Grifado no texto.
- (37) Hegel. PhG, op. cit., p. 80. Grifado no texto.
- (38) Pöggeler, Otto (Editor). *Hegel. Einführung in seine Philosophie*, op. cit., p. 61-62.
- (39) Ao final do Prefácio à primeira edição da "Ciência da Lógica", a "Fenomenologia" perde o título de primeira parte do sistema. Cf. Hegel. WL, op. cit. p. 18. Anunciando uma segunda edição da obra, Hegel a designa como antecipação da Ciência. Cf. Pöggeler, Otto (Editor). *Hegel Einführung in seine Philosophie*, op. cit., p. 74. Para uma história da gênese e composição

- da "Fenomenologia" pode-se consultar "Editorischer Bericht" (relatório editorial) in G. W. F. Hegel. *Phänomenologie des Geistes*, apud *Gesammelte Werke* (Bonsiepen — Heede) 9, p. 456-464; e "Anmerkung der Redaktion zu Band 3" (Nota da Redação ao volume 3) da edição Moldenhauer — Michel por nós utilizada: Hegel. PhG, op. cit., p. 595-599.
- (40) G. W. F. Hegel. *Wissenschaft der Logik II*, apud *Werke* Moldenhauer — Michel). 6, p. 549.
 - (41) Hegel. WL, op. cit., p. 70.
 - (42) "Natureza e Espírito são em geral modos diferentes de expor o seu (*Idéia absoluta*) ser-aí". G. W. F. Hegel. *Wissenschaft der Logik II*, apud *Werke* (Moldenhauer — Michel) 6, p. 549. Grifado no texto.
 - (43) "Eine in sich zurücklaufende Kreisbewegung". Pöggeler, Otto (Editor). *Hegel. Einführung in seine Philosophie*. op. cit., p. 80.
 - (44) Vaz, Henrique Cláudio. *O Ethos da Atividade Científica* in: *Revista Eclesiástica Brasileira*, 34 (133): p. 53, Mar. 1984.
 - (45) Principalmente aquelas páginas em que Hegel faz aquilo que poderíamos chamar de balanço do momento atual do Espírito. Hegel. PhG. op. cit., p. 15-19. Ver também Pöggeler, Otto (Editor). *Hegel. Einführung in seine Philosophie*. op. cit., p. 71.
 - (46) Hegel. PhG. op. cit., p. 18.
 - (47) Idem. O Grifo é meu.
 - (48) Hegel. WL. op. cit., p. 44.
 - (49) Segundo Herrero é também esta pergunta que Adorno e Horkheimer se fazem em "*Dialética do Iluminismo*". Ver Herrero, Xavier. *Habermas ou A Dialética da Razão* in: *Síntese*, 12 (33): p. 15. JAN.-ABR. 1985.
 - (50) "Um consenso racional". A elaboração de uma teoria consensual da verdade em conexão com a fundamentação normativa de uma teoria da sociedade e com problemas de fundamentação da ética em geral pode ser encontrada em Habermas J. *Wahrheitstheorien* in: Idem *Vorstudien und Ergänzungen zur Theorie des kommunikativen Handelns*. Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1984, p. 127-183.